

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL

Por ocasião do convite da Revista Plural para escrever um ensaio que abordasse o mito da democracia racial no Brasil, experimentei diferentes sensações e cogitações. Contentamento, reconhecimento e a responsabilidade de conduzir reflexões sobretudo a respeito da negação do racismo, que representa um desafio cotidiano para as populações negra e indígena em nosso país.

Ponderei a respeito das contradições acerca do mito da democracia racial e de que forma a Psicologia e/ou as/os profissionais psicólogas/os tem se implicado com o tema das relações étnico-raciais. A partir dessa premissa, elegi um ponto que creio ser oportuno diante deste debate - a formação em Psicologia.

No processo de construção da formação ao longo de 8 décadas foram traçadas disciplinas e interfaces que, desde os primeiros currículos, já anunciavam questões de natureza política, tendo em vista a formação científica, reflexiva e crítica. Cabe retomar que o exercício profissional, além da aplicação de técnicas apreendidas, requer uma postura investigadora que é constitutiva

da atuação em qualquer contexto, seja no reconhecimento de saberes e experiências daqueles com quem trabalhamos, ou mesmo nos estudos sistemáticos que envolvem aspectos da cultura, história, nas práticas institucionais, organizacionais e de grupos.

Inicialmente proponho revisitarmos os caminhos que percorremos durante nossa formação, que a partir deste convite possamos entrar em contato com as diferentes histórias de vida daquelas/es que cruzamos (ou deixamos de cruzar) e que possamos reconhecer diferentes trajetórias pessoais, profissionais e acadêmicas. Quantas professoras/es negras/os fizeram parte de nosso percurso acadêmico? Quantas/os colegas de turma eram negras/os? Diante da 'cena', o que nos dizem essas 'ausências'? A respeito das bases epistemológicas contempladas em nossa formação, quantas delas tocaram o tema das relações raciais?

O que isso tem a ver com a tal democracia racial? E se partirmos da afirmação que os diferentes desdobramentos nestas trajetórias estão perpassados por uma ideologia fundante - o racismo?

Pensar o Brasil um 'paraíso racial', onde é possível viver plenamente a diversidade racial, tradições culturais, religiosas é uma forma de ignorar a presença cotidiana de um conjunto de crenças que negam a hierarquização racial, assim como os conflitos raciais e conseqüentemente os efeitos concretos do racismo que se evidenciam nas relações pessoais, nas instituições e na própria estrutura de Estado. A democracia racial é o elemento fundante da nação e exerce papel fundamental no apagamento das conseqüências danosas da colonização e da escravização em nosso país. Qual é o lugar do negro na sociedade brasileira? No discurso falacioso brinda um ideal de igualdade de oportunidades onde reside uma possibilidade de amenizar a responsabilidade pelas desigualdades, evitando discutir as inúmeras dimensões de privilégio do branco, ou mesmo a herança simbólica e concreta, que foi fruto da apropriação de quatro séculos do trabalho de outro (s) grupo (s).

Compartilho o impacto inicial de minha trajetória acadêmica numa universidade

pública do país - a ausência, tanto de docentes e estudantes negras/os nas salas de aula, como de intelectuais negras/os entre as/os autoras/es exigidas/os, ou ainda nas contribuições de povos negros na história, nas ciências e na formação da sociedade que não estivessem atreladas ao legado da escravização. A partir destas memórias coloco em questão a naturalização das posições ocupadas por negros e brancos na sociedade brasileira, afinal o que isso tudo tem a ver com a formação?

Um dos princípios fundamentais da Psicologia são o compromisso social e ético com a realidade brasileira, de forma que a negação dos danos persistentes em função do racismo gera condições para a manutenção das desigualdades e reafirma uma imposição política estabelecida pelo mito da democracia racial: a proibição social de se falar em racismo. A importância de assumirmos posição de interesse nas problemáticas raciais se impõe diante do cenário político atual, num movimento de resistência ao retrocesso e desmantelamento de políticas públicas. Destaco sobretudo a



necessidade de um debate com perspectiva antirracista presente no currículo dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia, que amplie epistemologicamente o segmento de intelectuais selecionadas/os, e que este 'novo' arcabouço teórico venha a subsidiar o interesse na produção de conhecimento nesta direção. Por acreditar na construção de uma Psicologia com o compromisso ético-político e que incida de fato na rotina profissional, é que creio na potência de debates nesta direção e que inspirem práticas nas diferentes dimensões de atuação da categoria. É do lugar de pesquisadora, psicóloga, mulher negra, mãe de uma adolescente, de origem paulistana da camada popular, que se norteiam minhas reflexões.

Renata Christiane de Lima é Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina; Pós-graduanda em Psicodrama; integra a Coordenação da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es de Santa Catarina - ANPSINEP - SC e o Conselho de Direitos Humanos - CDH/ CRP-12; Membro Fundadora do Coletivo Kurima - Estudantes Negras/os da Universidade Federal de Santa Catarina



PARA SABER MAIS:

Vídeos Café com Leite (água e azeite) - Parte 1 de 5-
<https://www.youtube.com/watch?v=375sS13XATO>

História da Psicologia e as Relações étnico-raciais
https://www.youtube.com/watch?v=kWxksk-c_OI

Racismo - O que a Psicologia tem a ver com isso?
<https://www.youtube.com/watch?v=MohUqkPMjfg>

ARTIGOS

Bento, Maria Aparecida Silva & CARONE, Iray (orgs).
 Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2002.

Gomes, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

Santos, Alessandro de Oliveira dos, Schucman, Lia Vainer and Martins, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicol. cienc. prof.*, 2012, vol.32.

REFERÊNCIAS TÉCNICAS

Conselho Federal de Psicologia. Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP, 2017. 147 p.
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf

Conselho Federal de Psicologia. Ano da Formação em Psicologia: 2018 - Revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. Brasília: CFP, 2018. 84 p.
<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Cartilha-Ano-da-formacao-em-psicologia-2018.pdf>